

ANO XLIX - MAIO DE 2022 - Nº 109

# a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

VIVA A VIDA AO VIVO VIVA A VIDA AO VIVO VIVA A VIDA AO VIVO

## VAMOS AO CARAÇA!

Entre os dias 15 e 19 de junho próximo, um grupo de 44 excursionistas da família vicentina, acompanhados de um guia e o motorista, embarcam num ônibus em direção ao Santuário do Caraça, em Minas Gerais. Os peregrinos, como prefere chamá-los o querido Padre Lauro Palú, ex-diretor do Colégio São Vicente e do próprio santuário mineiro, serão acomodados nas instalações mantidas pela Província Brasileira da Congregação da Missão, que já abrigou o primeiro colégio dos vicentinos no Brasil, e hoje é uma área de turismo ecológico e preservação ambiental.

Lá, além dos quartos reservados e numerados por família e pensão completa, os viajantes poderão recarregar as baterias passeando nas trilhas e se banhando nos rios e cachoeiras da região de privilegiada natureza, desfrutando do silêncio, da beleza e da paz que a reserva biológica propicia. À noite, o programa especial é esperar pelo lobo-guará que vem se alimentar no adro da igreja e fazer a festa, sobretudo dos pequenos.

A excursão ao Caraça é organizada anualmente pela APM, mas, devido à pandemia de Covid-19, ficou suspensa em 2020 e 2021. Com a melhora da situação sanitária, a procura pela viagem foi grande este ano e, segundo o secretário Edevino Panizzi, é bem provável que uma nova excursão seja programada para o segundo semestre. Fiquem de olho!

## a chama

Revista editada pela  
**Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo**

Ano XLIX Nº 109  
Maio/ 2022

**Supervisão Editorial**  
Alline Figueira de Paula e Simone Coelho Moreira Sampaio

**Reportagem, Redação e Edição de Textos**  
Rosa Lima

**Revisão de conteúdo**  
Norma Hoffmann

**Projeto Gráfico e Produção Editorial**  
Christina Barcellos

**Capas**  
A aluna voltando à vida colorida e cheia de afetos da escola. Ilustração de Marina Brandão, do 3º ano EM.

**Fotos**  
Norma Hoffmann, Christina Barcellos, Rosa Lima, Gustavo Noce, arquivo CSVP, arquivos de Monica Roque, Pedro Carneiro, Manfred Bert, Edevino Panizzi e capturas de tela

**Ilustração**  
Marina Brandão - 3ªA

**Jornalista Responsável**  
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

**Diretor Eclesiástico**  
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

**Diretora Representante dos Professores**  
Daniela de Carvalho Cordeiro

**Diretora Presidente**  
Alline Figueira de Paula

**Diretora Vice-Presidente**  
Ana Roberta Pires Gonçalves

**Diretor Secretário**  
Marcio Simões Vellozo Gouveia

**Diretora Tesoureira**  
Maria Araújo Parreiras

**Diretor Social**  
Carlos Pesce Thiré

**Conselho Fiscal**  
Bárbara Nascimento Ferreira  
Patrícia Zendron  
Simone Coelho Moreira Sampaio

**Secretário da APM**  
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241  
Cosme Velho - Rio de Janeiro  
RJ - CEP 22241-125  
Tel. (21) 3235-2900  
revistachama@csvp.g12.br

FOTO CHRISTINA BARCELLOS

**2** **CAPA**  
DE VOLTA AO PRESENCIAL

EF1: HORÁRIO ESTENDIDO

EM: INTINERÁRIOS  
INFORMATIVOS

**11** **ARTIGO**  
O REENCONTRO

**12** **COMUNICAÇÃO**  
OS PERSONAGENS DIGITAIS  
DO COLÉGIO

**14** **GRÊMIO**  
NOVIDADES NA  
PROGRAMAÇÃO

**15** **DIVERSIDADE**  
PRESEÇA INDÍGENA NA  
ESCOLA PRIVADA

**16** **TRANSFORMADOR  
SOCIAL**  
PEDRO CARNEIRO LEVA  
MÚSICA ÀS RUAS

**18** **FALA, PROFESSORA**  
MONICA ROQUE E A  
GEOGRAFIA

**20** **RODA DE CONVERSA**  
COMO COMBATER O  
DISCURSO DE ÓDIO

**22** **NOTAS**

**24** **RESENHA**  
UM DEFEITO DE COR, DE  
ANA MARIA GONÇALVES

## OLÁ, COMUNIDADE VICENTINA!

*A educação não ocorre só na escola, sabemos, mas este continua sendo um espaço valioso na formação e transformação de crianças e jovens. O que seria das quadras, das salas, dos degraus de escada, se não fosse o corre-corre dos estudantes, a voz dos professores, o olhar dos inspetores? As gargalhadas dos alunos, a agitação do primeiro dia aula, a aflição da véspera de teste, a conversa na fila da cantina, a expectativa do sinal... só fazem sentido em grupo.*

*“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Este provérbio africano ecoará nesta edição, nas mais variadas comunidades educativas e em nossas mentes por quanto tempo pararmos para ouvir com o coração os anseios das crianças e jovens sobre a completude do educar...*

*Talvez esta seja uma das mais vívidas reflexões para educadores e famílias após o longo período de reclusão: como precisamos uns dos outros; mas, mais evidente e urgente, o quanto as crianças necessitam do grupo social a que pertencem.*

*Não é surpresa. Uma das lições que Aristóteles nos deixou foi de que viver coletivamente é a única chance de nós, Zoon Politikon (Animal Político), sermos humanos, assim descrevendo a natureza do homem.*

*Desde a Grécia Antiga a educação foi amplamente “democratizada”, e mais tarde, no período helenístico, a educação em um ginásio (sim, em um ginásio, isso que é coletividade!) foi considerada essencial para a participação na cultura grega e um componente essencial da identidade de uma pessoa.*

*Nesta edição, que já nos recebe com capa ilustrada maravilhosamente pela aluna Marina Brandão do 3º EM, trazemos várias abordagens da importância do retorno ao convívio, às aulas presenciais para os estudantes e toda comunidade escolar. A coletividade vivenciada no chão da escola!*

*Não há mais volta...a educação, a aquisição do conhecimento e as novas experiências ocorrem melhor na coletividade e as novas gerações estão aí demonstrando como um mundo colaborativo é melhor e necessário!*

Alline Figueira de Paula  
Presidente da APM

# DE VOLTA AO CONVÍVIO ESCOLAR

Alegria do reencontro, nova sinalização, espaços remodelados e maior procura por atividades em grupo marcam a volta às aulas presenciais

Depois de dois anos de ensino remoto e híbrido, o Colégio São Vicente abriu o ano letivo de 2022 com aulas 100% presenciais. Desde fevereiro, o que se vê pelos espaços remodelados da escola são crianças e adolescentes celebrando a alegria do reencontro após o longo afastamento imposto pela pandemia de Covid-19. Da meninada correndo para todo lado no pátio à grande procura por atividades em grupo, a euforia com a volta ao convívio escolar é visível entre os alunos.

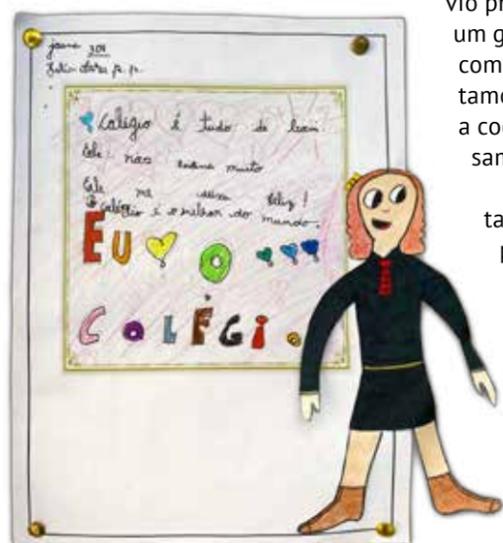
“Nós nunca tivemos dúvida de que esse contato físico era essencial. Percebemos inclusive a diferença entre os que frequentaram as aulas presenciais todos os dias no último semestre, como os alunos do 1º e 2º anos do Fundamental, e os demais. Os que voltaram ao convívio presencial diário tiveram não apenas um ganho emocional extraordinário mas um ganho acadêmico também. Nosso grande desejo era que pudéssemos retornar, com todo cuidado, claro, e verificamos que isso é perfeitamente viável. Agora estamos caminhando para que no modo on-line fiquem apenas as exceções”, disse a coordenadora acadêmica adjunta, Norma Hoffmann, acrescentando: “Nós precisamos nos apropriar novamente do fato de que nossa vida é presencial”.

Aos poucos, os espaços da escola foram sendo reconquistados: primeiro voltaram as atividades regulares das salas de aula, as reuniões de professores, de pais, do Conselho Pedagógico, todas presenciais. Depois retornaram, paulatinamente, as atividades extraclasse, o uso da biblioteca, do auditório, da sala de música, dos espaços fazendo arte, do refeitório no subsolo...

## Cobertura vacinal

Essa volta ao presencial foi possibilitada sobretudo pela ampla cobertura vacinal da comunidade escolar. Hoje todos os educadores do colégio estão imunizados contra a Covid e, acredita-se, pelo perfil dos vicentinos, a grande maioria dos alunos também. Por lei, não é permitido exigir-se apresentação de comprovante de vacinação a menores de idade nem impedir que crianças não vacinadas frequentem as aulas.

Com isso, as escolas particulares adotaram diferentes procedimentos com relação à imunização. Algumas fizeram enquete para ter uma noção de quantos alunos pretendiam ou haviam de fato se vacinado, mas o CSVP nem isso fez, por avaliar que geraria uma tensão desnecessária na escola. “Já que não podemos cobrar, preferimos investir na conscientização da importância da vacinação”, afirmou Norma.



As brincadeiras de volta ao recreio do 1º e 2º ano do EF; o vídeo em exibição na nova televisão da entrada; experiências com eletricidade de alunos do 4º ano e um desenho de crianças da turma 202, a partir da Campanha da Fraternidade - Educa com Amor, o que nosso coração quer dizer ao CSVP. Na página ao lado, a declaração no desenho de uma aluna do 3º ano EF

E os protocolos de segurança sanitária continuaram de pé, como uso de máscara, (obrigatório no início das aulas, mas ainda recomendado seletivamente depois que a prefeitura da cidade suspendeu a obrigatoriedade de uso em locais fechados), medição de temperatura, limpeza constante dos ambientes, janelas abertas...Desde o ano passado o número máximo de alunos por turma ficou estabelecido em 30 e assim permanece.

## Nova sinalização

Outra novidade que salta aos olhos nesta volta às aulas é a nova sinalização do colégio, que contempla uma série de elementos gráficos. Além de indicar os espaços da escola, para que as pessoas possam se situar geograficamente, no prédio principal, na casa central, nos anexos e nas quadras, a nova sinalização contém elementos visuais do Projeto Político-Pedagógico e das virtudes vicentinas nas paredes, portas dos elevadores e degraus das escadas.

Há também a sinalização de sustentabilidade, visando a economia de água, força e luz e o descarte correto de lixo, e a sinalização sanitária, indicando uso de máscara, de álcool gel e lavagem de mãos, que incentiva uma cultura de cuidados com a saúde coletiva e deve permanecer mesmo depois de passada a pandemia de Covid-19.

“Nós já vínhamos há muito tempo querendo resgatar o projeto de sinalização do colégio, que já estava bastante defasado. Alguns espaços mudaram de lugar, outros novos surgiram, outros deixaram de existir e a sinalização não acompanhou essas mudanças. As únicas que estavam adequadas e atualizadas eram as de segurança e incêndio, naturalmente. Aproveitamos então para colocar a marca do colégio na sinalização, de forma que ela contemplasse também sua identidade e seus valores”, explicou Laura Regent, da Coordenação Comunitária.

Entre os espaços novos estão as salas Fazendo Arte 1 e 2, onde antes funcionava a biblioteca juvenil, no 3o andar do prédio principal. O antigo espaço Maker, na casa central, foi dividido em duas salas, que agora se chamam Fazendo Arte 3 e 4. Cada uma delas tem características próprias e diferentes possibilidades de ocupação. A biblioteca juvenil, transferida para a casa central, também já está funcionando plenamente, com divisórias que permitem a criação de sub salas para estudo em grupo e reunião. E, também na casa central, foi aberto um refeitório especial para os alunos do horário estendido, com cozinha própria e mobiliário adequado aos pequenos.

### Atenção especial

Com relação às crianças, a euforia com a volta ao presencial é visível: parecem passarinhos que saíram da gaiola, tal a alegria de estarem juntos. No caso dos mais velhos, em especial os do Ensino Médio, muitos foram bastante afetados emocionalmente pelo distanciamento físico, pelo medo, por não estarem com os amigos no ambiente escolar... E isso também ficou evidente na volta.

“Verificamos um número expressivo de alunos necessitando de uma atenção especial tanto nossa quanto da família”, disse Norma Hoffmann. Durante a jornada pedagógica que antecedeu o retorno, os educadores do colégio promoveram, inclusive, um encontro com uma psicanalista que tratou exatamente da saúde mental dos jovens na pandemia.

Entre os professores, as mudanças trazidas pela volta ao convívio escolar também foram sentidas. “Acho que ficou todo mundo muito carente e agora



**“NÓS PRECISAMOS NOS APROPRIAR NOVAMENTE DO FATO DE QUE NOSSA VIDA É PRESENCIAL”.**

**NORMA HOFFMANN**



Nas escadas e portas dos elevadores, os valores do Colégio são destacados na cor laranja. Em azul, as placas de sinalização orientam e identificam as salas. Na página ao lado, acima, a nova biblioteca juvenil prof. Jorge Luís e o refeitório do Integral, na Casa Central. Embaixo, em verde, placa com uma das várias mensagens para os cuidados com a saúde



estão todos animados para viver novamente essa experiência em grupo”, disse a professora de teatro Joana Cabral, que ficou surpresa com a procura pelos seus cursos. “Estou com uma turma de juvenil e outra de mirim lotadas e abrindo uma nova turma de juvenil, tamanha a procura. Como as pessoas estão querendo fazer teatro!”, ressaltou.

A Educação Esportiva, uma das áreas mais afetadas pela impossibilidade do convívio presencial, agora está a pleno vapor. “A alegria e a empolgação das crianças e adolescentes de poder voltar a praticar atividade física em área aberta e em grupo, junto dos amigos, salta aos olhos e é contagiante. A gente sabe como eles sofreram com esse período presos em casa e a importância dessa volta para a saúde física e mental deles. A procura tem sido grande em todas as modalidades esportivas. Este ano abrimos também uma turma de voleibol juvenil, mas o destaque continua sendo o futebol, como sempre”, afirmou o coordenador da Educação Esportiva, Gustavo Quintanilha.

A declaração da professora de artes, Cacau Marçal, feita à revista na primeira semana de aulas, também não deixa dúvida do sentimento que tomou conta do colégio na volta ao presencial: “Ainda estamos nos conhecendo e nos organizando, mas a grande novidade – maravilhosa, esplendorosa e incrível – é que a gente voltou a ter aula na sala de artes. Isso faz toda a diferença, na produção, na relação dos alunos com a arte e na minha relação com o próprio ensino de arte. Não tenho nem palavras pra descrever o significado disso”.



## E. FUNDAMENTAL 1: HORÁRIO INTEGRAL OU ESTENDIDO

Com a volta ao presencial, voltou também o horário ampliado opcional para os alunos do 1º ao 4º ano do Fundamental. Atividade esportiva, coral, inglês, robótica, fazendo arte, tutoria de projetos, recreação, lanche e almoço em espaços próprios, além de acompanhamento do SOE, estão entre os destaques oferecidos às crianças que chegam à escola de manhã.

A ideia inicial era receber em torno de 35 alunos, mas a procura foi grande e o colégio acabou fechando em 60 vagas para o horário ampliado. Os alunos ficaram divididos em três grupos: uma turma de 1º ano, uma de 2º ano e uma terceira para o 3º e 4º ano juntos. Eles puderam escolher entre frequentar as aulas matinais todos os dias úteis ou apenas três vezes por semana, entrar às 8h (integral) ou às 10h (estendido). Este ano, a grande maioria fez a opção por frequentar o horário estendido às segundas, quartas e sextas-feiras.

A grade de horário mudou um pouco em relação a 2020, quando o horário ampliado foi oferecido pela primeira vez no CSVP, em resposta a uma antiga demanda dos responsáveis. As atividades agora se concentram apenas de manhã. As crianças que entram às 8h têm diariamente atividade esportiva, seguida de tutoria (orientação para os estudos), lanche e recreio. A partir das 10h, chegam os demais alunos e começam as atividades comuns a todos – inglês e tutoria para projetos, todos os dias, (sendo um deles com acompanhamento da orientadora educacional), coral às segundas-feiras, fazendo arte às terças e sextas-feiras, e robótica às quartas e quintas-feiras. Às 12h30 todos se reúnem para o almoço no refeitório exclusivo do integral construído numa sala ampla e muito arejada do prédio central.

### Atividades lúdicas

Segundo a coordenadora Norma Hoffmann, o que se entende nesse planejamento é que as crianças estão na escola quase o dia inteiro. Assim, essas atividades, que não são opcionais, precisam ser, na medida do possível, mais lúdicas para que os alunos não cheguem cansados às aulas do turno regular.

A parceria iniciada há dois anos com a Wow! Education para as aulas de inglês se mantém, mas com outra proposta. “Hoje o inglês do horário ampliado se aproxima mais do que seria oferecido num curso de idiomas. Ele dá aos alunos dessa faixa etária o que seria proporcional a

um curso de inglês, possibilitando às famílias abrir mão de mais essa atividade fora, só que com uma proposta lúdica, já que as aulas são diárias”, explicou Norma.

Letícia Lisboa, atriz, palhaça, produtora cultural e educadora popular, está à frente da oficina Fazendo arte, que, como o próprio nome diz, tem a proposta de fazer as crianças experimentarem o fazimento mesmo da arte, com uma visão ampla que as leve a visitar o passado, pensar o presente e projetar sonhos e futuros possíveis. As crianças vão sendo apresentadas a manifestações culturais dos povos originários, como jongo e maracatu, por exemplo, e, a partir delas, diferentes linguagens vão sendo trabalhadas. “O meu papel é de mediação, de fazer com que as crianças despertem a imaginação, ganhem curiosidade pelo mundo, através de atividades lúdicas diversas. Brincadeira aqui é coisa séria. Com ela a gente experimenta instrumentos, vê vídeos, lê livros, desenha, costura, pinta, dança, reflete e se diverte muito”, garante Letícia.

Outra aula onde a diversão é garantida é a de robótica, com o professor Marcelo Ferreira, que tem graduação em administração e licenciatura em física, é pós-graduado em informática educativa e tem especialização em robótica educacional. O trabalho que está sendo feito na escola tem como matéria prima a sucata, o que, segundo ele, explora mais a criatividade dos alunos, que precisam encontrar em objetos descartados o material adequado para construir seus projetos.

O primeiro deles é a construção de uma lanterna ou luminária, para os menores, ou um jogo no estilo código Morse com led para os maiores, explicou o professor. “Trata-se de um trabalho de robótica desplugada ou analógica, ou seja, sem uso de computador. É uma atividade de construção com foco em desenvolvimento de habilidades diversas, como iniciativa, raciocínio lógico, coordenação motora fina, análise crítica, cooperação, persistência... As crianças trabalham em duplas. E estão superanimadas”.



Alunos do horário estendido em atividade: na sala de aula, na ginástica olímpica, na educação física, na sala de artes e no refeitório

## ENSINO MÉDIO: ITINERÁRIOS FORMATIVOS

O Ensino Médio também iniciou o ano letivo com novidades. Os alunos do 1º ano já estão vivenciando as mudanças no currículo do segmento, que começam a ser postas em prática agora e vão sendo implantadas paulatinamente ano a ano, de modo que, em 2024, quando eles estiverem concluindo o 3º ano, já farão o Enem com provas adaptadas para este modelo.

O currículo agora em vigor foi elaborado por um grupo de trabalho constituído ainda em 2017, e que contou ao longo do tempo com a participação de um grande número de profissionais. O que se pretende com ele é atender tanto os pressupostos da Lei 13.415/2017, que estabeleceu mudanças na estrutura do ensino médio em nível nacional, quanto (e principalmente) os princípios expostos no Projeto Político-Pedagógico do Colégio.

Em 2019, teve início a Extensão do Ensino Médio, com as oficinas das áreas de Comunicação e Expressão, Introdução à Ciência Política e Tecnologia e Sociedade. Desta vez, a novidade é a possibilidade de escolha dos itinerários formativos, ou seja, grandes áreas do conhecimento, com matérias opcionais, além das tradicionais disciplinas que compõem a grade do Ciclo Básico, comuns aos estudantes de todo o país.

“O colégio já tem há muito tempo uma dinâmica de trabalhar a interdisciplinaridade em projetos que visam a uma formação mais ampla e que fuja das gavetas das disciplinas. Agora, estamos simplesmente nos adequando à formatação da lei”, disse o coordenador acadêmico do Ensino Médio, Fabiano Lins.

No CSVP, são dois os itinerários formativos à escolha dos alunos: Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Humanas e Linguagens, cada uma delas com duas oficinas oferecidas por ano. Assim como na Extensão, elas recebem este nome porque oferecem a possibilidade de se trabalhar os conteúdos com um pouco menos de amarras em termos de programas a serem cumpridos.

Diversos projetos de oficinas foram inscritos pelos professores da casa para esses itinerários e, este ano, quatro foram selecionados. Em Ciências da Natureza e Matemática, uma das oficinas oferecidas é Mudanças Climáticas, com o professor Rodrigo Cunha, e a outra é Educação Financeira, com Rafael Szabó. No itinerário Ciências Humanas e Linguagens, os alunos têm à disposição a oficina de Racismo Ambiental,

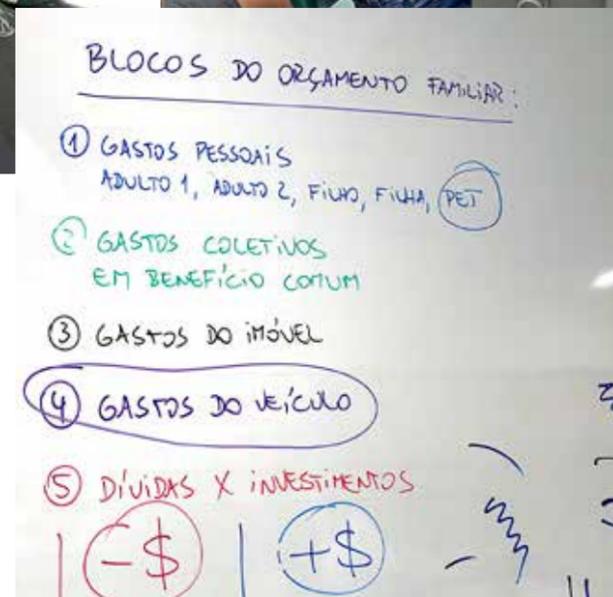


com a professora Isaura Castro, e Literatura e Periferia, com Maurício Krause. Todas elas com dois tempos de aulas semanais, às quartas-feiras pela manhã.

### Projetos inovadores

Os projetos são mesmo bem ousados e inovadores. Em Mudanças Climáticas, por exemplo, Rodrigo, que é professor de química, quer fazer um paralelo do tema com a culinária regional. A ideia é estudar os hábitos alimentares típicos de cada região do país, as receitas e os processos químicos envolvidos nelas, e analisar os impactos ambientais que as alterações do clima vêm trazendo aos alimentos de cada bioma. “Hoje já existem alimentos que estão entrando em extinção por conta das mudanças climáticas, como alguns tipos de banana, por exemplo”, disse Rodrigo, que também quer inovar no formato do trabalho: “as aulas acontecem basicamente no laboratório de química com muita participação dos alunos, naquela ideia de sala de aula invertida, mão na massa, com muitos experimentos em grupos”.

Ex-aluno, biólogo e professor de ciências do colégio desde 2011, Rafael Szabó formou-se também em economia e desde 2016 vem



**“NO ITINERÁRIO FORMATIVO  
HÁ UMA HOMOGENEIDADE DE  
INTERESSE QUE NÃO TEMOS  
NAS DISCIPLINAS TRADICIONAIS.  
OS ALUNOS ASSIM FICAM MUITO  
MAIS ENGAJADOS.”**

**MAURÍCIO KRAUSE, PROFESSOR DA OFICINA  
LITERATURA E PERIFERIA**

trabalhando com educação financeira junto aos alunos da EJA. Este ano, submeteu e teve aprovado o tema como projeto de itinerário para o 1º EM. São dois módulos, o primeiro de educação financeira, e o segundo, de empreendedorismo, um em cada semestre.

“O objetivo da oficina é fazer com que os alunos entrem na fase adulta sabendo lidar com dinheiro de uma forma responsável e ética. Eles serão instigados com questões práticas que precisarão solucionar, a partir de discussões em grupo, apresentação e validação dos resultados. Uma questão que pode ser trazida, por exemplo, é a de uma família que perdeu renda e se endividou na pandemia. Como ela pode enxugar gastos e pagar suas dívidas? Hoje, segundo um relatório da ONU recém-divulgado,

7 em cada 10 famílias brasileiras estão endividadas”, disse Rafael.

Outro tema a ser trabalhado pode ser qual a melhor forma de se concretizar um sonho, como a compra de um carro, uma viagem ao exterior ou o pagamento de uma faculdade. Para isso, entrarão em cena a matemática financeira, noções de investimento, índices, taxas, inflação e outros conceitos importantes para a tomada de decisões financeiras ao longo da vida.

### Homogeneidade de interesse

No itinerário de Ciências Humanas, a oficina da professora de geografia Isaura Castro tem por

No alto, a profª Isaura Castro, comentando um vídeo sobre racismo, o professor Maurício Krause, apresentando o livro Questão de Pele, e o quadro da aula de Educação Financeira do prof. Rafael Szabó

FOTOS: CHRISTINA BARCELLOS

objetivo aprofundar conhecimentos referentes ao espaço, entendido como lugar de confrontos, espaço propício à demagogia do Estado e à ganância do setor privado frente a setores sociais vulneráveis, espaço de resistências e lutas dos movimentos sociais. “A realidade socioespacial atual desafia a nossa cidadania e por isso estudaremos a segregação socioespacial, as periferias e a luta por justiça territorial”, explicou a professora.

De acordo com ela, ao escolher esse projeto, os estudantes terão a oportunidade de mobilizar conhecimentos para propor soluções, tais como a criação de projetos de lei de iniciativa popular, organizar mutirões, elaborar blogs e campanhas, dentre outras ações que contribuam para a melhoria da qualidade de vida de todos, especialmente das vítimas de racismo ambiental.

No caso da oficina de Literatura e Periferia, a proposta do professor Maurício Krause é produzir um material que possa colocar escritores periféricos e seus personagens em foco, num nível de análise escolar. “Apesar de hoje haver uma maior valorização da produção desses artistas nas editoras, na mídia e até nos prêmios literários, eles dificilmente chegam às escolas. O itinerário dá possibilidade de se trabalhar conteúdos alternativos como esse”, disse Krause.

A base do trabalho é a coletânea de contos *Questão de Pele*, organizada por Luiz Ruffato, que faz um recorte do homem e da mulher pretos na literatura brasileira, tanto como autores quanto como personagens. “O livro vai servir de material para análise do personagem periférico ao longo do tempo, e as situações de abuso, violência e ex-

clusão que os envolve. O primeiro módulo terá como produto um banco de dados sobre esses escritores e personagens, dando aos alunos um primeiro contato de pesquisa em linguagem”, explicou o professor.

No segundo módulo, a ser oferecido no segundo semestre, a ideia é cada grupo produzir um material de divulgação e inserção desses autores no cenário cultural e jornalístico, com podcasts, jornais, blogs, mídias sociais, vídeos etc. “Estamos muito animados, eu e todos os colegas. No itinerário formativo há uma homogeneidade de interesse que não temos nas disciplinas tradicionais. Os alunos assim ficam muito mais engajados. Existe uma abertura para o novo, tudo pode acontecer”, disse Krause.

Segundo o coordenador Fabiano Lins, no final do ano passado, os alunos do 9º ano escolheram qual itinerário iriam seguir a partir deste primeiro semestre. “Mas nada impede que eles mudem de opção, caso prefiram. Isso já aconteceu este ano, inclusive, com alunos trocando de área de interesse depois do primeiro encontro que tratou dos itinerários”, ressaltou.

As matérias que faziam parte do currículo do 1º EM até o ano passado permanecem todas lá. A única exceção é o Espanhol, que não é obrigatório e deixou de ser oferecida este ano, mas voltará em 2023, como uma das oficinas do itinerário de Humanas.



No laboratório de química, o professor Rodrigo discute os hábitos alimentares típicos de cada região do país, as receitas e os processos químicos envolvidos nelas, e analisa os impactos ambientais que as alterações do clima vêm trazendo aos alimentos de cada bioma

## O REENCONTRO

*Dois anos de incertezas. Dois anos de reinvenção.*

*Dois anos de perdas, a pior de todas sendo o imenso número de mortes de pessoas queridas. Mas não apenas: Aprendizagem comprometida. Convívio restrito. Autonomia cerceada pelo medo de contágio. Dentro de nossas casas: desorganização, cansaço, temores.*

*A pandemia tem sido uma maratona onde ainda não alcançamos a linha de chegada. No entanto, agora temos alguma frouxidão para retomar um pouco da vida, mesmo cientes de que ela jamais será como antes.*

*Recentemente, fui à primeira reunião presencial no auditório onde vivi tantos momentos especiais nestes muitos anos de mãe vicentina. Padre Agnaldo, nosso diretor, lembrou a estratégia de Moisés para encorajar a multidão fugindo do Egito: **olhar para a frente.***

*Olhamos para frente, nós e nossas crianças e jovens.*

*Sem saber quando e como atravessaríamos nosso Mar Vermelho, seguimos em frente.*

*E se ainda não alcançamos a Terra Prometida, já podemos celebrar algumas vitórias:*

*O retorno às aulas presenciais, com a acolhida sempre amorosa de nossa Comunidade Vicentina. As conversas*

*e brincadeiras no Recreio. A retomada de planos, inclusive Formaturas do 9º ano e do 3º EM. A celebração pelo aniversário da Escola, as sextas temáticas com jovens invadindo corredores com sua criatividade. As aulas extraclasse, incluindo nossos amados corais.*

*Claro, as cicatrizes são muitas e estão frescas. Sabe-se que a nova pandemia é a da saúde emocional e do luto. Muitos de nós enfrentaram desafios emocionais muito graves. Muitos de nós ainda estamos enfrentando.*

*Portanto, é mais importante do que nunca nos pautarmos pelo ditado africano “**É preciso uma aldeia para criar uma criança**”. E também nos versos de Drummond “**Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas**”.*

*Há muita incerteza neste recomeço: como lidar com o fim da obrigatoriedade das máscaras, o melhor uso de ferramentas digitais, a medida adequada para as tarefas de casa. Uma demanda que preocupa a todos é como mitigar o prejuízo na aprendizagem, mapeado aos poucos nas avaliações diagnósticas.*

*Estávamos isolados em nossas ilhas e agora teremos que reaprender o convívio fraterno. Nosso desconcerto é obstáculo para a prática da virtude vicentina da Mansidão.*

*Mais do que nunca, será preciso atenção ao impacto dos novos ritmos em nossos estudantes. A volta ao universo de comparações, inseguranças e autojulgamento (sou magra demais? Sou esquisito demais?). Os choques de realidade nas relações presenciais, sem o filtro anestésico do ambiente virtual.*

*A ansiedade por “recuperar o prejuízo” impõe pressão sobre nossas psiques e de nossas crianças e é um grande fator de desestabilização emocional. Daí meu convite:*

***Sigamos em frente, como propôs Moisés. Sigamos de mãos dadas, como propôs Drummond. Sejamos uma Aldeia unida no Zelo e na Mansidão, solidários e humildes enquanto vamos tateando este novo mundo. Para que a travessia das enormes perdas sofridas seja mais branda, mais rápida, mais humana.***

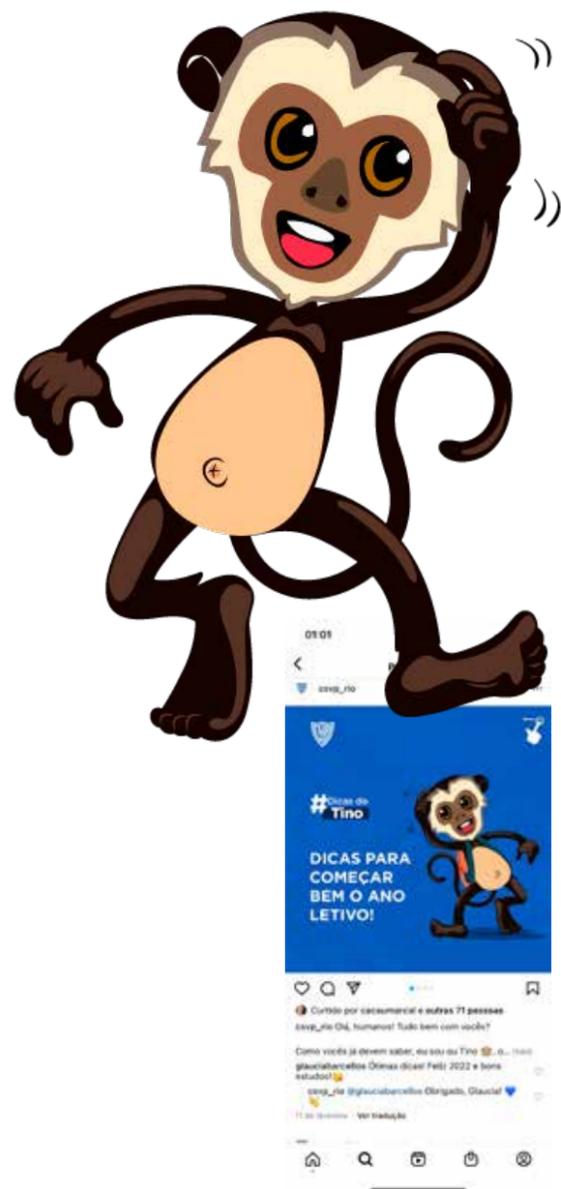
**Leticia Carneiro**

*Mãe vicentina do Léo (3º EM) e Olívia (8º), é facilitadora de aprendizagem sócio-emocional e conduz grupos de acolhimento ao luto.*



# LEVEZA E FLUIDEZ

Personagens digitais ajudaram a informar e confortar durante a pandemia



Entre as novidades surgidas durante o surto de Covid no São Vicente, uma fez particular sucesso, sobretudo com os pequenos: os personagens digitais. Surgidos da necessidade de manter a comunidade escolar conectada à distância, eles foram desenvolvidos pela coordenação Comunitária com o objetivo de levar mais fluidez e leveza às mensagens do colégio, num momento em que todos enfrentavam os temores e tensões trazidos pela doença. Acabaram caindo no gosto da criançada. Especialmente o Tino, o macaco-prego mascote do CSVP.

Num primeiro momento o foco maior foi na questão pedagógica e no desenvolvimento das plataformas digitais de aprendizagem, mas em paralelo a Comunitária pensou numa estratégia de comunicação que pudesse abranger várias frentes. “Com a chegada da pandemia sentimos que as famílias e os educadores ficaram muito apreensivos com a doença e o que viria pela frente, e assim vimos a necessidade de trabalhar as questões psicológicas junto com as informações objetivas de maneira a garantir o acolhimento tão característico da comunidade vicentina”, contou a designer Renata Bastos Salles, da equipe Comunitária.

Em conversas virtuais e reuniões online, a equipe desenvolveu estratégias de comunicação em três frentes: uma para informar sobre os problemas de saúde física e emocional trazidos pela pandemia, uma segunda para divulgar atividades culturais online e uma terceira de mensagens de conforto emocional com a equipe pastoral do colégio. Para cada uma dessas frentes, foram pensados personagens que ajudassem a veicular as mensagens nas plataformas digitais do São Vicente.

A primeira campanha de saúde recebeu o nome de CSVP contra o coronavírus e para divulgá-la foram escolhidos quatro estudantes como personagens: um adolescente que veste a camisa do colégio, como os alunos do Fundamental 2, uma jovem de mochila com a logo da escola, representando os alunos do Ensino Médio, e duas crianças – um menino e uma menina, de uniforme, para se comunicar com os estudantes do EF1.

A partir de imagens vetoriais disponíveis gratuitamente na internet, a designer Lisandra Alves, jovem aprendiz integrante da equipe na época, finalizou os bonecos dos personagens com as características definidas pela equipe.

### Mascote

“Num segundo momento, com as pessoas presas em casa, pensamos formas de tornar menos penosa e pesada a situação de reclusão, sobretudo para os pequenos, dando dicas de programas culturais online”, disse Renata Salles. Foi assim que surgiu a ideia da criação de um mascote para o CSVP, seguindo uma antiga sugestão do ex-diretor Padre Maurício Paulinelli. “Por conta da mata atrás do colégio, o animal mais frequente e próximo de todos era o macaco-prego, que muitas vezes aparece para pegar

comida no pátio. Foi uma forma mais lúdica e alegre que encontramos de fazer essa comunicação”, contou Renata.

Definido o mascote, uma enquete foi lançada no ClassApp pedindo sugestões de nome para o personagem. A comunidade participou ativamente e mais de cem sugestões de nomes foram recebidos pela Comunitária. Desses, três foram selecionados para votação de todos: Cosme (numa referência ao bairro), que recebeu 26% dos votos, Gentil (por conta do Muro da Gentileza), escolhido por 13%, e Tino (diminutivo de vicentino), vencedor da eleição com 61% dos votos.

O mascote Tino, que mora na mata e aparece para dar dicas de cultura e lazer, foi muito bem recebido pelas famílias e caiu no gosto das crianças. Como ele ficou muito identificado com diversão e alegria, um terceiro personagem foi criado para transmitir mensagens de cunho mais filosófico e de apoio espiritual: o Vicentinho, inspirado na imagem do patrono do colégio, São Vicente de Paulo.

O boneco Vicentinho está presente na campanha *Momento de Espiritualidade com a Pastoral Vicentina*, em mensagens que envolvam questões religiosas e também em informes sobre nascimentos e falecimentos de pessoas próximas aos educadores e alunos do colégio.

Com a volta às aulas presenciais, os personagens digitais não abandonaram a comunidade escolar. Juntos, eles aparecem no *Guia de uso do ClassApp*, que é o principal meio de comunicação das famílias com o colégio, e seguem cumprindo sua missão de informar, divertir e acolher.



Nossos personagens e suas aplicações. Na página ao lado, o mascote Tino no Instagram, e, no alto, Vicentinho e as orientações do ClassApp. Ao lado, os personagens adolescentes informam como se prevenir da Covid-19 no cartaz da campanha *Todos contra o coronavírus*

## O ESPERADO PRESENCIAL

*Cara comunidade vicentina, finalmente 2022! O ano em que o São Vicente voltou completamente para o ensino presencial e as atividades começaram a se normalizar. O grêmio Tropicália continua seu mandato com muito orgulho e dignidade.*

*Este ano pretende desfrutar das atividades que só podem ser realizadas presencialmente. Resolvemos que as atividades culturais seriam as mais benéficas uma vez que o nosso grêmio é marcado por defender fortemente a cultura e acreditar que ela traz para as pessoas uma experiência que faz bem tanto para o corpo quanto para a alma. Queremos fundar um **cinelube** e uma **camerata**.*



*Além disso, queremos criar o Sob um novo olhar, um **curso de fotografia**. Como ficamos trancados em casa por muito tempo, temos certeza de que os alunos estão vendo o mundo sob um novo olhar e nada melhor para expressar isso do que fotografias. Queremos trazer esse curso a fim de prestigiar essa nova visão de mundo através da arte, uma visão que aprecia cada detalhe da vida.*

*Nós, Tropicália, sempre prezamos as artes e, como cursos extracurriculares do EM se tornaram pagos, queremos oferecer uma opção gratuita para a arte e criatividade prosperarem na mente de nossos jovens.*

*Por fim, queríamos muito voltar com o **sarau**. É uma tradição vicentina maravilhosa, que serve como uma atividade inclusiva de imersão social, permitindo que os alunos se conheçam melhor, considerando que passamos dois anos praticamente sem interação. Esse evento também é uma fuga da pressão do dia a dia a que estamos submetidos por conta da rotina escolar.*

*Outra questão a ser debatida é a parte política do grêmio, que se fez muito presente no ano de 2021. Este ano exigirá de nós muita atividade nesse sentido, uma vez que ocorrerá a eleição presidencial e é importante que os jovens participem*

**“NOSSO GRÊMIO É MARCADO POR DEFENDER FORTEMENTE A CULTURA E ACREDITAR QUE ELA TRAZ PARA AS PESSOAS UMA EXPERIÊNCIA QUE FAZ BEM TANTO PARA O CORPO QUANTO PARA A ALMA”**

*desse momento. Já passamos nas salas de primeiro e segundo ano (séries em que os alunos podem ter 16 anos, idade mínima para votar no Brasil) para pedir que todos tirem o título de eleitor e também explicamos como se dá esse processo. Publicamos em nossa rede social um passo a passo detalhado de como tirar o título pela internet.*

*Essencial deixar claro que o grêmio é apartidário, não fazemos campanha para nenhum partido ou candidato. Nosso movimento político se restringe a incentivar os jovens a votar, uma das formas possíveis de mudar nossa realidade.*

*Desde o momento em que tomamos posse, afirmamos nosso posicionamento político-cultural (apartidário) e a nossa postura em relação aos alunos, que é uma postura de apoiá-los e levar suas demandas para a coordenação. Continuaremos apoiando o Ensino Médio, sempre.*

*Nosso mandato até agora se deu de forma muito diferenciada pois fomos o primeiro grêmio a funcionar no EAD mas esperamos que mesmo assim tenhamos conseguido fazer uma boa gestão e suprir as demandas dos estudantes e pretendemos continuar assim este ano.*

*É claro que estamos sentindo certa pressão, estamos nervosos para funcionar como um grêmio no presencial, mas queremos que saibam que estamos abertos a sugestões.*

*Vamos em frente, juntos.*

*Por uma educação libertadora,*

**Grêmio Tropicália :)**

## PRESENÇA INDÍGENA NAS ESCOLAS PRIVADAS: DESAFIOS, TROCAS E ACOLHIMENTO

*Vivemos numa sociedade onde a desigualdade é muito grande. Nós, povos indígenas, temos uma realidade muito diferente, nós não somos diferentes em relação à capacidade de pensar, apenas vivemos em mundos diferentes: enquanto o mundo ocidental pensa no capitalismo, no lucro e na destruição, nós, indígenas, moramos em territórios coletivos, respeitamos e cuidamos da floresta para que continue intacta, pois nela estão os lugares sagrados, seres invisíveis e outros seres que fazem parte da nossa origem.*

*Todavia, hoje, estamos presentes em algumas escolas privadas e nas universidades, mesmo que seja uma minoria. Estar dentro de uma escola privada é muito desafiador, pois o nosso ensino escolar dentro das aldeias indígenas é muito fraco, o investimento nas escolas indígenas é pouco ou quase nada, sem nenhuma estrutura. Para chegar ao lugar de onde viemos, no Município de São Gabriel da Cachoeira, Noroeste Amazônico, na Terra Indígena Alto Rio Negro, onde são mais de 750 comunidades e sítios, às margens de rios e igarapés, precisamos viajar dias e semanas. Lá, há escolas que só têm o nome.*

*E quando chegamos às escolas privadas, sentimos o peso da falta de uma boa educação. Mas a escola, junto com a coordenação de ensino, a equipe toda, nos mostra um outro lado que é o acolhimento, o apoio, entende o contexto de onde viemos, nos oferecendo uma oportunidade única de fazer parte dela. As palavras, os gestos de cada um, nos fazem sentir bem. Digo isso por experiência própria, pois a minha filha Larissa foi abraçada e acolhida por essa escola. Somos de diferentes lugares do Brasil, onde existem povos indígenas diferentes, com suas línguas, crenças, rituais, danças e costumes, e temos a contribuir com as escolas sobre nossas experiências e vivências desse outro lado de conhecimento, que são as nossas narrativas, histórias de origens e a nossa forma de pensar, a partir da nossa visão de mundo e da nossa ciência indígena.*

*A presença indígena nas escolas privadas é um assunto que rende muitas discussões e estudos. Suscita “esperanças” em várias áreas de conhecimentos. A essa política, a tradição intelectual indígena, de ver, de pensar, de organizar, de enxergar o mundo, de relacionar, perceber as mudanças de tempo e sociais, está ancorada numa outra epistemologia, que não é aquela que aprendemos nas escolas e nas universidades convencionais. Da mesma forma como a ciência, os sistemas de conhecimentos indígenas são tão complexos, e têm como fio condutor a cosmologia e a cosmopolítica, que são transmitidos de maneira organizada como teorias de conhecimento, no espaço e no tempo específico, às crianças e jovens indígenas direta e indiretamente pelos seus pais, mães e avós. Por outro lado, a escola pode significar uma oportunidade de se refletir sobre o pensamento indígena, na medida em que os mecanismos e métodos científicos podem servir como instrumentos para compreender as cosmologias e produzir os conceitos propriamente “nativos”, possibilitando um diálogo simétrico entre os modelos de conhecimentos.*

**Francineia Bitencourt Fontes** é indígena, integrante do povo Baniwa, antropóloga e mãe de Larissa, aluna da turma 1B do Ensino Médio.

*Na pintura do muro de 2007, com motivos indígenas, X'MAYAKAKÁ, da Tribo FULNI-Ô, compartilha um pouco de sua cultura com alunos do SV*





www.freeseatproject.com

FOTOS: ARQUIVO PEDRO CARNEIRO

## QUEBRANDO AS BARREIRAS DA IMPESSOALIDADE

Ex-aluno Pedro Carneiro Silva promove conexão entre desconhecidos tocando piano nas ruas do mundo

Um pianista e seu teclado estão num lugar público de grande circulação – uma praça, uma rua movimentada, uma estação de metrô. Em frente a ele, uma cadeira vazia, um headphone e um aviso: pode se sentar. As pessoas passam e, de tempos em tempos, uma delas é fisgada pela curiosidade. Senta-se na cadeira e coloca o fone no ouvido. O pianista também está usando um. Assim, sem explicar nem falar nada, ele começa a tocar uma música para a pessoa que se sentou à sua frente. Uma música criada na hora, inspirada na reação do passante, no momento, no ambiente. Só os dois ouvem a música. E uma conexão entre eles se cria ali.

O pianista é o ex-aluno do Colégio São Vicente Pedro Carneiro Silva, hoje com 36 anos. E sua intervenção-performance é o projeto Free Seat (assento livre), desenvolvido por ele e pelo cineasta alemão-iraniano Ardalan Aram. Ardalan registra o momento em vídeo e áudio, e,

posteriormente, edita o material gravado. “O projeto me abriu muitas portas para eu entender as possibilidades de comunicação que a música oferece. Na primeira vez que fizemos a performance, em Berlim, eu não tinha ideia do que ia acontecer. Depois de uns 40 minutos sentado em frente ao teclado, uma garota se sentou na minha frente e colocou o fone no ouvido. Comecei a tocar e ela foi se emocionando muito ao ouvir a música. E aquilo também me tocou demais porque eu nem falava alemão e estava me comunicando com ela, dividindo um momento de intimidade”, conta Pedro.

Com a mensagem “A arte nos conecta a sentimentos, sentimentos nos conectam” (em inglês), a experiência alemã se transformou no primeiro vídeo do Free Seat. Lançado em abril de 2017, ganhou enorme visibilidade, com mais de meio milhão de visualizações e destaque em jornais e blogs pelo mundo. Atualmente, o projeto já passou também Frankfurt e Lisboa, e no Brasil rodou por Rio, São Paulo, Recife e Curitiba. Em 2023 estará em Tóquio, a convite da Bienal de Arte Contemporânea do Japão, e já rendeu a Pedro e Ardalan diversos prêmios no país e no exterior.

### Trocas sensíveis

A ideia do Free Seat é quebrar a impessoalidade dos grandes centros urbanos promovendo momentos de intimidade e de trocas sensíveis através da arte. Em plena correria da cidade, dois desconhecidos fazem uma pausa e se encontram

através da música. Com o projeto, sem trocar uma palavra sequer, Pedro já tocou e foi tocado por mais de 250 pessoas nas ruas do mundo.

As reações dos participantes são diversas: uns sorriem, outros se emocionam, uns o aplaudem ou o cumprimentam com as mãos, outros querem abraçá-lo. Ninguém sai indiferente. O participante, ao vencer a natural desconfiança e aderir à proposta, passa da condição de mero espectador para a de coautor da peça, porque sua atitude também influi diretamente na criação do artista. Todos se transformam ao final.

“A experiência é sempre incrível, me possibilita me comunicar com pessoas muito diferentes: adultos, crianças, casais, gente de todo tipo”, diz o pianista e compositor. No Rio, tocando no metrô de Ipanema, um menino abriu-lhe um sorriso tão contagiante que a conexão surgida entre os dois criou um dos registros mais bonitos do Free Seat. Quem quiser conferir, pode acessar o link <https://www.freeseatproject.com>. “E depois tem ainda a reação das pessoas que vêem os vídeos postados no site do projeto, que também é muito gratificante”, assegura Pedro.

### Música e sentimento

Filho de dois músicos amadores, Pedro Carneiro Silva estudou piano desde pequeno, formou-se em Música Brasileira pela UniRio e fez mestrado em Piano de Jazz pela Escola Superior de Música de Lisboa. Ele hoje trabalha desenvolvendo projetos que exploram a interação entre experiências, sentimentos e música e colabora com artistas de várias partes do mundo. Foi professor convidado de piano, harmonia e composição em dois dos principais institutos de música da Índia e recentemente foi selecionado para uma residência artística promovida pelo

**“O PROJETO ME ABRIU MUITAS PORTAS PARA EU ENTENDER AS POSSIBILIDADES DE COMUNICAÇÃO QUE A MÚSICA OFERECE.”**

PEDRO CARNEIRO SILVA

Conselho Britânico, desenvolvendo um projeto de criar músicas para espaços urbanos do Rio. Com a esposa, a cantora Luiza Sales, participante do coro São Vicente a Cappella por muitos anos, ele tem um duo de músicas autorais – Luiza e Pedro – que faz shows em espaços diversos e já gravou dois cds.

Em 2003, Pedro formou-se no Colégio São Vicente onde fez todo o Ensino Fundamental e o Médio. Foram anos marcantes na sua formação. “Guardo imenso carinho pelo colégio, pelos professores e coordenadores. Meus amigos mais próximos até hoje vieram de lá. Foi uma escola onde eu sempre me senti à vontade e acolhido. O São Vicente é muito aberto à escuta dos alunos e sempre me incentivou nas minhas aspirações de fazer música, assim como incentivou meus colegas nas escolhas deles. É também um colégio que promove muitos eventos interessantes, saraus, festivais, feiras, debates, que foram muito importantes para abrir a minha cabeça para o outro e para o mundo. Isso fica para sempre”.

Pedro toca para uma jovem emocionada e um casal, em cidades da Europa, e cumprimenta uma ouvinte, no centro do Rio

# TRÊS PERGUNTAS PARA MÔNICA ROQUE



FOTOS: ARQUIVO MÔNICA ROQUE

Uma das colaboradoras mais antigas do São Vicente, a professora de Geografia Mônica Roque chegou ao colégio em 1987 por indicação do colega de PUC e amigo Alexandre Junqueira, a quem substituiu nas turmas da 6ª série (atual 7º ano). Após os primeiros anos, foi chamada para assumir, também, a 8ª série (9º ano), onde ainda permanece, hoje como uma das coordenadoras do projeto das Agências de Criação. Aqui ela fala um pouco de sua trajetória na escola que é também sua segunda casa. “Amo o que faço e não poderia escolher e nem ter um colégio melhor para trabalhar, onde me sinto parte da Instituição. Passei grandes momentos no CSVP e hoje estou mais tempo dentro do colégio do que fora dele...”, afirma Mônica. Confira a seguir.

## 1 O que você destacaria de aprendizados nesses longos anos no CSVP?

Acredito que tudo que sou hoje tenho a agradecer ao colégio. Aqui eu aprendi a lidar com muitas situações tanto internas quanto na minha vida pessoal. O colégio é um mundo, onde encontramos diferentes pessoas, com diferentes gostos e diferentes interesses. Lidar com essa diversidade requer um aprendizado contínuo. Em particular o CSVP tem essa diversidade mais acentuada e presente já que as diretrizes da escola nos remetem ao acolhimento de todos, o que deveria ser seguido por todas as pessoas. É um colégio que está sempre procurando se atualizar e estar “antenado” com as modificações que ocorrem todos os dias e isso advém dos ensinamentos de São Vicente de Paulo que norteia todo o nosso projeto político-pedagógico. Sendo assim, posso afirmar que a aprendizagem é um processo e o colégio esteve sempre presente em tudo que eu aprendi e aprendo ainda hoje.

## 2 Qual é a importância do estudo da Geografia no seu modo de ver?

A Geografia é uma leitura constante do mundo que vivemos no seu mais amplo aspecto. Ao contrário do que pensavam no passado, a Geografia tem a finalidade de abrir os olhos dos estudantes para um mundo no qual temos muito a perceber, analisar e em muitos momentos criticar. Essa análise não se refere apenas aos aspectos físicos e ambientais do planeta, faz referência também a um conjunto de fenômenos sociais e políticos que interferem de forma contundente na nossa vida cotidiana, mesmo que esses fenômenos não ocorram próximos a nós. É importante termos em mente que essa ciência é dinâmica como todos os elementos que a compõem e gera possibilidades infinitas de leituras do mundo.

**“AMO O QUE FAÇO E NÃO PODERIA ESCOLHER E NEM TER UM COLÉGIO MELHOR PARA TRABALHAR”**

MÔNICA ROQUE

## 3 Hoje você coordena as agências de criação do 9º ano. O que pensa dessa experiência?

O trabalho das agências de criação do 9º ano foi elaborado de forma conjunta com todos os professores da série. Esse trabalho foi uma ideia muito interessante para que os nossos alunos “colocassem a mão na massa”. Na verdade, trata-se de um projeto no qual os protagonistas são os alunos. A atividade acontece em três momentos durante o ano letivo, um em cada trimestre. E é organizado da seguinte forma: são formados grupos com o objetivo de criar estratégias que solucionem ou minimizem problemas existentes em nossa sociedade, sejam relativos à área estrutural (transporte, saúde, cultura, educação) ou ligados a qualquer tipo de discriminação (homofobia, xenofobia, racismo, transfobia). A partir do estudo dessas temáticas, traçam estratégias que são apresentadas em um trabalho final na forma de um produto ou serviço. No fim desse processo é muito gratificante perceber o envolvimento dos alunos e descobrir que algumas das práticas que foram para a internet serviram de inspiração para outros projetos. Como exemplo cito o KOMBINANDO CULTURA, uma Kombi que levaria projetos culturais para áreas mais carentes. Todo esse esforço conjunto nos leva a crer que conseguimos colocar em prática o nosso objetivo principal, formar agentes de transformação social.

Na página ao lado, de cima para baixo, Mônica com os professores Pedro Marreca e André Mucci, seus ex-alunos; em sala, durante aula com alunos do 6º ano; com Padre Lauro Palú; e no quarto andar, na frente das fotos de suas primeiras turmas

# DISCURSO DE ÓDIO: NÃO BASTA NÃO PRATICAR, É PRECISO COMBATER

Mensagens preconceituosas e manifestações de intolerância não são um fenômeno novo. Mas o advento e a intensificação do uso das redes sociais possibilitaram uma grande ampliação do seu alcance aumentando também as possibilidades de violência sofridas pelas vítimas.

Para ajudar a comunidade vicentina a identificar e conter a disseminação do discurso de ódio, A Associação de Pais e Mestres (APM) do colégio convidou a doutora em direito e sociologia Juliana Antunes para falar sobre o tema, numa roda de conversa virtual realizada na noite de 17 de março, dentro do Ciclo de Debates Paulo Freire.

Mãe de um aluno do 5º ano, Juliana, que é supervisora da clínica de direitos fundamentais da Fundação Getúlio Vargas-Rio e membro da comissão de direitos humanos e assistência judiciária da OAB-RJ, é uma das autoras da *Cartilha de Orientação para Vítimas de Discurso de Ódio*, disponível on-line para download.

## Liberdade de expressão

A professora começou sua apresentação dizendo que uma falsa questão vem sendo difundida nas redes: a de que combater o discurso de ódio é censurar a liberdade de expressão. Ela reafirmou a importância de se preservar a liberdade de expressão, um direito fundamental previsto na constituição brasileira. Mas lembrou que, como todo direito, a liberdade de expressão também tem limites. E o discurso de ódio é um deles.

“Discurso de ódio não é uma simples opinião, é crime. Precisa ser evitado, combatido e punido, porque tem consequências graves: incita a violência e em última instância coloca em risco a própria democracia”, afirmou Juliana Antunes.

O primeiro passo para isso é aprender a identificar o discurso de ódio. Segundo a professora, A ONU define o discurso do ódio como: “Qualquer tipo de comunicação por discurso, texto ou comportamento que ataque ou use linguagem pejorativa ou discriminatória referente

a uma pessoa ou grupo baseado em quem eles são ou, em outras palavras, baseado na sua religião, etnia, nacionalidade, raça, cor, descendência, gênero ou outro fator identitário”.

No Brasil, o crime de discurso de ódio não existe exatamente com esse nome. No nosso direito ele é enquadrado como racismo pela lei 7.716/89, que pune todo tipo de preconceito ou discriminação, com penas de multa e reclusão de um a três anos.

Um insulto só se caracteriza como discurso de ódio quando atinge um grupo socialmente vulnerável. Ofensas pessoais podem ser classificadas como injúria, calúnia ou difamação. “Quando a ofensa a uma pessoa se estende ao grupo ao qual ela pertence, instigando à violência contra esse grupo, aí temos discurso de ódio”, explicou Juliana.

## Quadro de banalização

Com o uso generalizado das redes digitais, casos de discurso de ódio tornaram-se mais frequentes, por conta das próprias características dessas plataformas: acesso fácil, amplo alcance, imediatismo, sensação de anonimato e pertencimento.

“Hoje qualquer um pode ingressar numa rede social. O acesso à internet é relativamente barato e o que se publica numa rede digital fica acessível a milhares de pessoas. A dinâmica de interação on-line é espontânea, imediata e, muitas vezes, comentários são feitos sem qualquer “filtro”. A rede também favorece a invisibilidade e uma sensação de anonimato que serve de blindagem e incentivo para que discursos de ódio sejam praticados. Além disso, os algoritmos criam bolhas que deixam a pessoa mais confortável na rede, sentindo-se pertencente a uma comunidade que a respalda na sua prática de agressão”, ponderou Juliana.

Resultado: entre 2006 e 2018, a ONG Safernet registrou 2.061.141 denúncias de discurso de ódio na internet.

Diante desse quadro de banalização do discurso de ódio, a professora diz ser essencial que

“QUANDO A OFENSA A UMA PESSOA SE ESTENDE AO GRUPO AO QUAL ELA PERTENCE, INSTIGANDO À VIOLÊNCIA CONTRA ESSE GRUPO, AÍ TEMOS DISCURSO DE ÓDIO”

JULIANA ANTUNES

todos se conscientizem da gravidade da situação e ajudem a combater essa prática. “Não basta não praticar, é preciso ajudar a combater”, diz ela. “Na maioria das redes sociais existe um botão de denúncia. Esse mecanismo permite que o conteúdo seja retirado ou até mesmo que o autor seja bloqueado ou banido da plataforma”. Uma atitude muito importante é não replicar a mensagem ofensiva, mesmo que seja para criticá-la. “O compartilhamento gera mais visualização, ampliando ainda mais o alcance da mensagem e seus impactos negativos”, alertou.

O melhor a se fazer é salvar a mensagem em meio seguro e denunciar às autoridades competentes. “As vítimas de discurso de ódio necessitam de todo o apoio, e a participação de todos nós é fundamental para prevenir essas agressões e punir quem as pratica”, disse Juliana Antunes, que recomendou a todos o documentário francês *O ódio na internet*, disponível no YouTube. “É muito instrutivo, vale a pena assistir e debater em família”, garantiu.

## ONDE DENUNCIAR

Em algumas cidades existem delegacias especializadas em investigar crimes de discurso de ódio, mas a ocorrência pode ser registrada em qualquer delegacia. A denúncia também pode ser feita à Defensoria Pública ou à Ordem dos Advogados do Brasil, que contam com núcleos de atendimento e orientação para as vítimas.

Existem também serviços telefônicos que possibilitam a denúncia anônima, como o Disque 100, que funciona 24 por dia e é gratuito e confidencial. Há ainda plataformas digitais para denúncia on-line, que também pode ser feita anonimamente. Dentre elas, a **Humaniza Redes**: <https://www.humanizaredes.gov.br/>; o **Disque 100**: <http://www.disque100.gov.br/>; e a **Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro**: <http://www.defensoria.rj.def.br/Cidadao/Atendimento-On-line>



ILUSTRAÇÃO MARINA BRANDÃO - 3ª A @marinar\_te



## PINTURA DO MURO

Uma atividade muito tradicional do colégio, que ficou suspensa em 2020 por conta do coronavírus, foi retomada com muita alegria no apagar das luzes do ano letivo de 2021: a Pintura dos Muros. Nos dias 01, 02 e 03 de dezembro, foram feitos os riscos e contornos das imagens em carvão, com o auxílio de projetores, e no 04, o projeto foi finalizado, com o tema Homenagens. Alunos e educadores que nos deixaram, como Lucas Romano e Gabriela Cicca, o inspetor José Ricardo Evangelista, o *Bolinha*, e o professor de geografia Alexandre Feijó, foram lembrados nas pinturas, assim como a vereadora assassinada Marielle Franco, o rapper Emicida, e o patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Outra linda homenagem foi feita ao Sistema Único de Saúde do Brasil, o SUS, pelo seu valoroso papel no combate à Covid-19.



## ABELHAS NO CARAÇA

O Projeto Caixa de Abelhas, iniciado em 2006 em Serra do Ramalho, Bahia, com apoio financeiro da APM, tornou-se a terceira economia do município. O mel produzido é o de aroeira, de propriedades medicinais para tratamento de doenças estomacais, pouco comercializado no país, mas exportado para Alemanha e Japão. O projeto expandiu-se para outras cidades do semiárido baiano e mineiro e mais recentemente chegou ao Santuário do Caraça. Além da instalação de apiários e do início de criação de abelhas nativas da tribo Meliponini, que são abelhas sem ferrão, um meliponário destas abelhas nativas está em construção e será aberto à visitação pública. "Nossa filosofia: o todo é alcançado com o pouco de cada um. É objetivo do projeto criar fontes de trabalho e renda locais e evitar o êxodo rural para o corte de cana, colheita de café e laranja em outros estados", diz Edevino Panizzi, ex-tesoureiro da APM e atual voluntário responsável por esse trabalho.

## SVAC E GUINGA

Ainda nas férias de verão, mais exatamente no dia 22 de janeiro de 2022, o coral São Vicente a Cappella (SVAC) lançou seu primoroso e mais recente vídeo *Meu Pai*, junto com ninguém menos do que o próprio autor da canção, o compositor e violonista Guinga. Gravado durante a pandemia de Covid-19, dentro do projeto SVAC Virtual, com o músico e os cantores à distância, o vídeo tem criação, roteiro, produção e direção geral de Patrícia Costa, direção musical de Vicente Costa Nucci, edição de áudio, mixagem e masterização de Vicente Ribeiro e edição de vídeo de Carla Fatuch e Guto Neto. O belíssimo trabalho está disponível para quem quiser ver e rever no canal do SVAC no YouTube. [https://www.youtube.com/watch?v=TKd\\_Nix1zxA](https://www.youtube.com/watch?v=TKd_Nix1zxA)

No alto, a nova pintura do muro com as diversas homenagens: entre elas, as dedicadas aos colegas e educadores falecidos e ao Sistema Único de Saúde.

Acima, Panizzi com os apicultores do projeto Caixa de Abelhas. Na página ao lado, no alto, Pe. Agnaldo canta parabéns para o colégio com os alunos do 1º ano EF. Embaixo, Manfred ensina as crianças da ESVP a plantar uma horta

## ANIVERSÁRIO DO CSVP

No dia 30 de março, o Colégio São Vicente de Paulo completou 63 anos de vida, ajudando a formar agentes de transformação social. Graças à vacinação contra a Covid-19 e a melhora nos indicadores sanitários, a data pôde ser novamente comemorada com o tradicional bolo festivo de aniversário, tão querido de todos os alunos e educadores, nos turnos da manhã, tarde e noite. No sábado, dia 2 de abril, às 17h, a comunidade vicentina se reuniu no auditório do colégio para a celebração em Ação de Graças pelo aniversário. Por questões de biossegurança, a cerimônia teve público presencial limitado a representantes da comunidade educativa, mas foi transmitida ao grande público pelo canal do CSVP no YouTube. Parabéns e vida longa ao Colégio São Vicente de Paulo!



## SOLIDARIEDADE A PETRÓPOLIS

Tão logo tomou conhecimento da tragédia vivida pelos moradores de Petrópolis por conta dos temporais de fevereiro, o Colégio São Vicente, através da Pastoral, mobilizou-se e lançou a campanha *Juntos pela Cidade Imperial*. Num primeiro momento, foram arrecadados cobertores, roupas, material de higiene pessoal e produtos de limpeza, levados a Petrópolis num caminhão cedido pelas Filhas da Caridade. Em seguida, cada série do colégio ficou responsável por arrecadar itens específicos de alimentos não-perecíveis e higiene, além de máscaras e álcool gel, e um segundo caminhão foi enviado, ainda no mês de março, às famílias atingidas pelas fortes chuvas na capital imperial. Ser vicentino é ser solidário! Obrigado, comunidade vicentina.



## HORTA NA ESVP

Na Escola São Vicente de Paulo, em Nova Iguaçu, o Dia da Saúde foi comemorado no sábado, 9 de abril, com o plantio de uma horta pelas crianças. Quem comandou os trabalhos foi o paisagista Manfred Bert Broschart, pai de Jan Ribeiro Broschart, hoje aluno do 1º ano EM no CSVP. Munido de suas minhocas, sementes e mudas de plantas e hortaliças, ele botou as crianças para por a mão na massa (no caso, a terra) e plantar o canteiro previamente construído na área externa da escola para esse fim. As crianças, de 3 a 5 anos, acompanhadas de seus responsáveis, foram divididas em duas turmas para o plantio. "Quando viram as minhocas, foi aquele alvoroço", contou Manfred. O encerramento da atividade, que teve a presença do diretor do São Vicente, Padre Agnaldo de Paula, foi com um delicioso lanche para todos.



## MUITO ALÉM DA VIOLÊNCIA DA ESCRAVIDÃO

**Livro: Um Defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves, Editora Record, 2006, 947 págs.**

*Se tivesse que qualificar com uma palavra Um Defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves, escolheria fascinante. Suas mais de 900 páginas envolvem o leitor de uma forma ao mesmo tempo intensa e fluida – fica difícil deixar de lado o desenrolar da vida de Kehinde, batizada de Luísa ao chegar ao Brasil. A sensação de vazio que sobreveio após terminar o livro só confirmou o quanto a sua companhia iria me fazer falta no dia a dia. Por isso, já adianto que o livro é mais grandioso e generoso com o leitor do que esse breve relato possa indicar. Vale a pena mergulhar na vida de Kehinde, nascida no século XIX na África e levada ainda criança como escrava para o Brasil.*

*A história de Kehinde é contada em primeira pessoa; é o relato de uma mulher, negra, estrangeira, escravizada, que enfrenta episódios de violência e crueldade por vezes inimagináveis. Ao longo do seu percurso, podemos acompanhar uma parte da história dos africanos escravizados no Brasil, entender com maiores detalhes, por exemplo, como foi possível se preservar o culto aos Orixás na sociedade cristã e escravocrata da época, sem falar em eventos históricos ainda pouco conhecidos como a Revolta dos Malês, em que participaram os escravizados muçulmanos.*

*Apesar de ter sua liberdade suprimida, seu nome e religião rejeitados, seu corpo violado, Kehinde se recusa a simplesmente ocupar esse lugar de indignidade. O seu amor pela vida lhe traz uma força de seguir em frente, sempre. Kehinde é uma heroína que tem suas falhas e erros e não os nega, coragem e resiliência fazem parte de seu caráter.*

*Nesse ponto, vale destacar que o título do livro é mais um lembrete da desumanidade da escravatura. Descobri graças à Ana Maria que havia uma lei no período colonial por meio da qual negros e mulatos mais qualificados poderiam ter o “privilégio” de ocupar cargos civis, militares ou religiosos desde que reconhecessem seu “defeito” de cor e solicitassem a sua dispensa para ter acesso ao posto desejado.*

*A vida de Kehinde abrigou muito além de violência e imposições; houve amizade entre as diferenças, paixão, amor, traição, empreendedorismo e maternidade. Sua experiência de maternidade também não a poupou de grandes dores, mas isso deixou para o livro revelar-lhes.*

*Ficou marcada em mim a capacidade desta mulher mostrar toda sua humanidade ao mundo, a despeito de todos os “nãos” que ouvia cotidianamente. Ainda dá um gostinho especial a possibilidade de Kehinde, ou Luísa Mahin, ter efetivamente existido. Como explica a autora no prólogo, seu romance partiu de um manuscrito a que teve acesso, por obra do acaso, ou melhor, da “serendipidade” (a história já começa interessante desde o prólogo...). Por ora, não há reconhecimento da validade histórica do manuscrito, ficamos na espera e na ficção.*

**Ana Carolina Amorim**

*Advogada, mãe do ex-aluno Miguel Amorim Maia*



## Reformas no Colégio



Há algum tempo, o Colégio São Vicente vinha carecendo de um investimento de maior peso na preservação de seu espaço físico e na adequação do mesmo às novas demandas da Escola.

Nos últimos anos, ainda sob a administração do Pe. Domingos Oliver de Faria, por vários motivos, inclusive o seu estado de saúde, este serviço se deu num passo mais lento.

Em consonância com o Conselho Provincial e sob a tutela da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), mantenedora do Colégio, a Diretoria assumiu, em meados do ano passado, um **plano global de reformas** calcado em três pilares básicos:

- Dar um tratamento apropriado à conservação e manutenção das instalações do prédio;
- Adequar o espaço físico à funcionalidade e maior eficiência dos serviços prestados;
- Favorecer ambiente propício ao estudo e à produção de conhecimentos compatíveis com a Proposta Educacional do Colégio.



## A CHAMA PUBLICOU HÁ ... 24 ANOS

Inaugurado em 1959, o Colégio São Vicente de Paulo já passou por muitas reformas em seus 63 anos de vida. Das primeiras benfeitorias nos anos 1970, que incluíram a compra do terreno ao lado da escola para a construção das quadras de esporte, do ginásio e da biblioteca infantil, aos mais recentes melhoramentos, como a criação dos Espaços Fazendo Arte e a construção do refeitório do integral, realizados durante a pandemia de Covid-19, o colégio está sempre atento à necessidade de adequar suas instalações físicas a seu projeto político-pedagógico, visando à segurança e ao conforto da comunidade escolar.

Na edição número 56, de junho de 1998, *A Chama* registrou o plano global de reformas que teve lugar no São Vicente a partir de meados de 1997. Naquele momento, além da construção e remodelação de várias salas, o colégio também recebeu investimentos para a informatização de seus serviços, modernização de elevadores, de instalações elétricas, telefonia, rede de esgotos e sistema de segurança e instalação de ar-condicionado central, dentre outras modernizações estruturais.

“As áreas concluídas geram um clima geral de satisfação e mais motivação para o trabalho. Percebe-se maior valorização das pessoas nos diferentes níveis de funções. Os serviços e atendimentos tornam-se mais eficientes. Os novos espaços garantem melhor qualidade da produção de toda a Escola”, dizia a matéria.

Hoje, como ontem, como destacou o Padre Maurício Paulinelli no texto da revista, “a educação para a cultura da vida e preservação do meio ambiente, uma das linhas de ação da proposta educacional do São Vicente, vai encontrando espaços adequados para o seu exercício”.



VIVA A VIDA AO VIVO VIVA A VIDA AO VIVO VIVA A VIDA AO VIVO